

O processo atual da artes plásticas no Brasil vem apresentando nas duas últimas décadas, se tanto, características novas que resultam das mudanças ocorridas das relações entre os grandes centros hegemônicos - Rio e São Paulo - e os demais estados da federação. No curso desses anos, pode se verificar, se não a perda de hegemonia carioca e paulista, no quadro geral da arte brasileira, o crescimento da atividade artística em outras capitais e mesmo, em alguns casos, no interior dos estados. Disso decorrem várias consequências, que, se ainda não se traduzem plenamente na produção autônoma e original de província, com respeito aos grandes centros, já se manifestam na ocorrência de novos artistas que vão emergindo no quadro da arte brasileira a partir de suas respectivas regiões. E se - dado o caráter internacional da arte de hoje refletem influências dos mestres atuais, brasileiros ou estrangeiros trazem em sua obra um tom, um sabor, um trazo que brota do fundo da província, seja ela Pernambuco, Paraná, Goiás ou Minas Gerais;

Esse é o caso de Fernando Augusto, pintor baiano, radicado em Belo Horizonte cuja obra tenho o reconhecimento recente mas já o bastante para reconhecer-lhe as qualidades promissoras. Formado como gravador pela Escola de Belas Artes da Universidade de Minas Gerais, desenvolveu quase toda sua atividade no âmbito de Minas, aprendendo com mestres do nível de, Amilcar de Castro, expondo em Belo Horizonte, Governador Valadares, Montes Claros, mas também em salões em São Paulo, Curitiba e Goiânia, veio assim traçando seu caminho segundo as novas condições das artes no seu país. E agora realiza a sua primeira individual em São Paulo. Faço votos de que a crítica Paulista identifique o seu talento e aposte como eu, em sua possibilidade, mas, se tal não acontecer logo, Fernando Augusto nem por isso terá barrada a sua caminhada artística e profissional. Mas estou certo de que à sensibilidade dos paulistas não escapara a expressividade dramática das obras de Fernando, dessa figuras e dessas cores contidas que parecem emergir vulcanicamente do fundo da noite - uma noite pictórica e gráfica, onde, pelo milagre da arte, as manchas, as garatujas, as linhas coloridas viram fala humana.

FERREIA GULAR

Poeta, crítico de arte, ensaísta

Rio de Janeiro, 1984